

## **Novo olhar sobre a Mídia-Educação**

**FANTIN, Monica** – UFSC

**GT:** Educação e Comunicação / n. 16

**Agência Financiadora:** /CNPq/CAPES

Falar de Mídia-Educação significa falar da construção de uma relação entre seus termos para aproximar objetos, saberes e fazeres envolvendo um olhar interdisciplinar que faz parte de um movimento internacional. Enquanto nos países do hemisfério norte a trajetória da Mídia-Educação envolveu a educação para a imagem e audiovisual, os meios - cinema, rádio, TV, jornal, Internet – e as multimídias e hoje significa a educação sobre, com e através das mídias, nos países latino-americanos seu percurso esteve fortemente ligado aos movimentos sociais, sendo crescente no contexto brasileiro sua discussão em universidades, escolas e outras instituições da prática social. Considerando que um novo “olhar tropical” envolve uma re-apropriação, afinal, o que é Mídia-Educação? Uma prática social, um campo, uma disciplina? Quais seus objetivos? O que seria um perfil profissional do Mídia-educador? É sobre tais questões que texto tecerá algumas considerações a fim de discutir a identidade plural da Mídia-Educação, a formação profissional e as possibilidades de atuação nas diversas práticas culturais e educativas.

Embora seja lugar comum falar que as atuais gerações de crianças e de jovens, crescerem com a TV, com o vídeo, com o controle remoto, e apenas uma minoria com computador e Internet, e por mais que se pergunte o que isso significa, o entendimento a respeito das mudanças propiciadas pela mídias e pelas redes ainda está longe de ser problematizado na escola.

Ao mesmo tempo em que a estruturação da vida cotidiana está plena de informação, seu acesso é altamente fragmentado e vai-se tornando uma característica que determina a qualidade das interações sujeito-informação. Considerando que é a necessidade de construir significados que nos permite situar e organizar o mundo a nossa volta, a visão desarticulada dos acontecimentos nas mídias unidas à fragmentação dos saberes escolares, dificulta tal construção. E isso implica uma reflexão sobre a relação entre as mídias, a escola e as políticas sócio-econômicas mais amplas e uma discussão sobre a necessidade de transparência informativa, a representatividade social e cultural de alguns setores da sociedade e o desenvolvimento de políticas culturais que favoreçam alternativas aos mercados globalizados em função dos interesses públicos e dos processos educativos e formativos.

Se as pessoas estão sendo educadas por imagens e sons, por programas de

televisão, cinema, pelos meios eletrônicos e tantos outros configurando os meios audiovisuais como um dos protagonistas do processo culturais e educativos, a escola precisa pensar tais potencialidades. Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática social e cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo.

Assim, os sentidos culturais das sociedades contemporâneas se organizam cada vez mais a partir das mídias, que exercem papel de grandes mediadoras entre sujeito e cultura modificando as interações coletivas, e tal fato implica a necessidade de mediações culturais. Girardello(2002), destaca que é preciso capacitar crianças e professores para a apreciação e recepção ativa, pois se as crianças não têm uma mediação adulta sistemática que as auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, a precariedade da reflexão sobre linguagem impede que a compreensão dessas crianças seja mais rica.

A esse respeito, o campo da educação-comunicação tem se preocupado com as mediações escolares e tem se configurado como um campo teórico-prático muito fértil para pensar a interface entre a educação e a comunicação. É no contexto deste campo que aparece a Mídia-Educação (ME).

Os objetivos da educação para as mídias dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação, enfatiza Belloni. Para ela, a idéia de educação para as mídias é condição de “educação para a cidadania, sendo um instrumento fundamental para a democratização de oportunidades educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais”(2001:2).

Situando as tecnologias da informação e da comunicação no contexto da ME, Belloni destaca duas dimensões indissociáveis: ferramenta pedagógica e objeto de estudo complexo e multifacetado. Ela distingue ME e comunicação educacional como duas novas disciplinas ou áreas de estudo que delineiam-se ainda confusamente,

“*mídia-educação* (ou educação para as mídias) diz respeito à dimensão “objeto de estudo” e tem importância crescente no mundo da educação e da comunicação. Corresponde a *media education*, em inglês; *educations aux médias*, em francês; *educación en los medios*, em espanhol, *educação e mídia* em português; e *comunicação educacional* que se refere mais à dimensão “ferramenta pedagógica” e vai se desenvolvendo como uma nova “disciplina” ou campo que vem substituir e ampliar a “tecnologia educacional” (também não tem ainda termo consagrado no Brasil)” (2001:9).

Por sua vez, Soares acredita que uma nova produção simbólica e uma nova prática comunicativa estão sendo geradas a partir da perspectiva da Educomunicação.

“O Campo da Educomunicação é compreendido, portanto, como um conjunto de ações que permitem que educadores e estudantes desenvolvam um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. (...) incluiria não apenas relacionamentos de grupos (a área da comunicação interpessoal), mas também atividades ligadas ao uso de recursos de informação no ensino-aprendizagem (a área das tecnologias educacionais), bem como o contato com os meios de comunicação de massa (área da educação para os meios de comunicação) e seu uso e manejo (área de produção comunicativa).” (2002:264).

Embora as discussões que tentam estabelecer algumas bases conceituais para a delimitação desse novo campo teórico e prático com desdobramentos na cultura e na educação estejam longe de um consenso, tais reflexões remete para a própria noção de campo, entendido como “estrutura de relações objetivas que explica as formas concretas de interações sociais” (Bourdieu,1989:66). E considerando que o pensamento divergente é potencialmente enriquecedor, sem entrar na discussão do termo “educomunicação” ou “comunicação educacional”<sup>1</sup>, considero que um conceito maior envolve as possíveis contraposições redimensionando e reconfigurando-as na perspectiva da ME<sup>2</sup>.

Educar para as mídias nesta perspectiva implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para fazer/produzir mídias também. Neste sentido, podemos situar a discussão sobre os direitos das crianças, pois a questão parece ser maior do que prover e/ou proteger as crianças dos meios e sim pensar em formas de prepará-las mais eficazmente para as responsabilidades atuais do ser criança hoje, capacitando-as, a partir de suas especificidades, a analisar e refletir sobre suas interações com as mídias e a participar (na medida do possível) de decisões que dizem respeito a este contexto. No entanto, como a educação para as mídias não se reduz aos meios a seus aspectos instrumentais, pois elas não são ferramentas neutras e sim meios que produzem significados, isso deve estar claro nas mediações escolares.

Diversas experiências têm demonstrado que é possível não só ensinar com, sobre e através dos meios mas formar espectadores críticos que negociam os significados, que constroem conhecimento e que interagem de diversas formas. E para pensar a educação em tal perspectiva, reconfiguro a ME na perspectiva Pier Cesare Rivoltella, professor e pesquisador italiano que tem produzido muitos estudos, pesquisas e reflexões a respeito

---

1 Ver Soares (1999) e Belloni (2002)

2 Que embora tendo a vantagem da concisão e remeter ao conceito internacionalmente usado, *media-education* está longe de ser unanimidade

da ME sendo considerado hoje uma referência internacional no campo.

Para Rivoltella (2002), o cenário da relação mídia e sociedade interpela a educação em três sentidos: do ponto de vista alfabético (sendo as mídias protagonistas da interação social e da transmissão cultural, a educação não pode deixar de trabalhar sua linguagem assegurando seu conhecimento e uso); do ponto de vista metodológico (sendo as mídias um novo habitat cultural, a educação não pode ignorar esse aspecto limitando-se às mediações tradicionais); e do ponto de vista crítico (além de saber usar as mídias, ter consciência reflexiva e responsável de que a paisagem midiática não é só suporte tecnológico mas também cultura).

A ME pode ser compreendida em duas dimensões: pode configurar-se como campo disciplinar na interseção entre as ciências da educação (didática em particular) e as ciências da comunicação (principalmente a sociologia da comunicação e a semiótica); e pode ser entendida como prática social em contextos não só extra-escolares. Ou seja, podemos entender a ME como áreas de saber e intervenção em diversos contextos, como práxis educativa com um campo metodológico e de intervenção didática e como instância de reflexão teórica (com objetivos, metodologias e avaliação) sobre essa práxis. Assim, “qualquer intervenção mídia-educativa não pode prescindir de nenhum destes dois aspectos: estão sempre em jogo uma práxis, uma atividade e uma reflexão teórica que guia e sustenta essa práxis” (Rivoltella, 1997:13).

Nesse sentido, além de ser um campo metodológico aberto, a ME constitui um espaço de reflexão teórica sobre as práticas culturais e também se configura como um fazer educativo.

### **Mídia-Educação: campo, disciplina e prática social**

Ao longo da história e das experiências desenvolvidas em diferentes contextos culturais, podemos vislumbrar as identidades que a ME foi assumindo<sup>3</sup> e nos aproximar de uma **definição** de ME que se situa no “particular âmbito das ciências da educação e do trabalho educativo que consiste em produzir reflexões e estratégias operativas considerando as mídias como recurso integral para a intervenção formativa” (Rivoltella,2002:37).

Como um campo interdisciplinar, os espaços de atuação da ME vão além da escola e dos espaços institucionais. Diversas experiências de mídia e associacionismo e mídia e movimentos sociais vêm se configurando como importante espaço de atuação e

---

3 Ver Masterman, 1997.

reflexão indicando uma crescente complexidade da sociedade que tende a ser cada vez menos institucionalizada (Rivoltella, 2002). Para ele, talvez esse seja o motivo da ME assumir hoje uma “viva presença” no mundo, caracterizando-se mais como uma “sensibilidade difusa” que um campo disciplinar.

Por um lado, tal fato sugere uma força propositiva na base e na criação do movimento promovendo e consolidando uma cultura da comunicação. Por outro, pensar a ME só como movimento significa correr o risco de não obter o credenciamento acadêmico e disciplinar que pode garantir sua definitiva afirmação. Diante disso, Rivoltella propõe uma “dialética entre ciência e movimento, reflexão e ativismo” (2002:96) para refletir sobre a possibilidade de garantir a ME uma legitimidade epistemológica. Para tal, há que discutir o perfil disciplinar da ME.

Problematizando duas perspectivas a respeito do propósito da ME, Masterman (1997:12) pergunta se ela seria um “corpo de teorias e práticas” ou “um conjunto de entusiasmos unidos na teoria mas divididos na prática”. Respondendo com a primeira opção, Rivoltella (2002:97) tece algumas considerações sobre questões implícitas na pergunta: a necessidade de situar e de ter consciência sobre o lugar em que se encontra, situar o caminho e o percurso a ser feito para chegar aonde se quer e as perspectivas de fazê-lo; a reflexão sobre as “almas” da ME, a teórica (da reflexão sobre os modelos pedagógicos e os paradigmas didáticos) e a prática (da experimentação educativa); e a intenção de saber se a ME está destinada a permanecer só como movimento ou se ela se configura como um saber.

A exigência de um posicionamento, o desenvolvimento da auto-reflexão e a determinação a compreender tais processos indicam a necessidade de uma consciência epistemológica, pois a partir da história da ME, podemos nos aproximar de suas características como disciplina ou campo disciplinar.

Nesse sentido existem diversas razões para pensar em estabelecer o **estatuto epistemológico e os fundamentos** da ME. Para Rivoltella, a ME: possui uma história que dura muitos anos; está difundida em diversos países configurando diferentes relações com as tradições culturais e necessidades sócio-políticas produzindo uma complexidade de paradigmas e concepções; a realidade das mídias e de sua cultura se transforma constantemente e desenvolve novas tecnologias de comunicação obrigando a ME a realizar constante revisão de seu papel; a complexidade do contexto e a necessidade de formação demandam aspectos operativos e aplicativos sobre a reflexão de segundo nível caracterizada pela ME; além disso, no contexto internacional existem

alguns países com dificuldades por parte do mundo acadêmico em reconhecer a cidadania da ME devido sua falta de definição disciplinar, e sem a existência acadêmica dificilmente uma disciplina será certificada (2002:98).

Se cada ciência para se constituir enquanto tal deve possuir um objeto de interesse específico, nascer de matrizes teóricas precisas, colocar-se em relação com outras ciências afins, descrever uma história e possuir uma metodologia, a ME como campo, como disciplina e como prática social possui alguns destes elementos para se constituir enquanto tal.

Discutindo a respeito de como a ME vem sendo praticada na Europa, Masterman (1997:71-5) situa os princípios que podem esclarecer sobre a amplitude do objeto: o conceito central e unificante da ME é o de representação; um dos objetivos fundamentais da ME é o de desmascarar a falsa naturalização das mídias revelando seu caráter de construção; a ME é principalmente investigativa, não procura impor valores culturais específicos; a ME se constrói em torno de alguns conceitos-chaves como instrumentos de análise e não como conteúdo alternativo; a ME é um processo de longo prazo e dura toda a vida; a ME visa não só a compreensão crítica mas também a autonomia crítica; a eficácia da ME pode ser avaliada a partir de dois critérios gerais: a capacidade do aluno aplicar aquilo que conheceu a situações novas e o grau de empenho, interesse e motivação demonstrado; a ME parte sempre da atualidade, embora não se limite a ela.

Assim, a ME se ocupa de muitas questões que constituem seu o **objeto**: a comunicação e a formação; os pontos de vistas instrumentais e temáticos que caracterizam as mídias para formação e a formação para as mídias; a atenção às dimensões expressivas e críticas para escrever-ler com e sobre as mídias; os níveis operativos práticos e teóricos para ensinar as mídias e refletir sobre elas de forma contextualizada; a meta-reflexão sobre os processos envolvidos e atividades de capacitação; os âmbitos da intervenção escolar para a educação formal, informal e extra-escolar (museu, biblioteca, ludoteca), para animação sócio-cultural, para ongs, empresas sem fins lucrativos e/ou instituições assistenciais, e para empresas comerciais e formação profissional para atuar nas indústrias da comunicação (Rivoltella, 2002:99-107). Ou seja, tudo isso configura o objeto sobre o qual a ME vem pensando, atuando e se construindo.

Para o autor, a **configuração epistemológica** do campo disciplinar da ME apresenta como cenário de fundo o encontro e a interface entre as ciências da

comunicação e da educação, no interior do qual se destacam as contribuições teóricas vindas da semiótica, da sociologia, dos estudos culturais, da pedagogia e da didática e os limites disciplinares da tecnologia da instrução e cultura organizativa. (2002:108).

A contribuição do ponto de vista das ciências da comunicação diz respeito à leitura das mídias e sua função social contextualizada, ao diálogo com os profissionais das mídias, à atenção experimental e aos seus métodos de pesquisa. Por sua vez, a contribuição das ciências da educação caracteriza-se na recondução das mídias ao seu quadro de uso, na atenção às potencialidades e riscos da tecnologia e na predisposição de ser um espaço de confronto e reflexão.

Devido à natureza transversal da ME, sua posição de fronteira entre as ciências da comunicação e da educação se reflete nas contribuições teóricas de ambos os campos configurando suas estreitas relações constituidoras.

Na **relação da ME e as ciências da comunicação** a grande contribuição reside inicialmente no **campo dos estudos semióticos**, pois é da semiótica que a ME extrai uma metodologia de análise dos textos, reconhecendo os elementos gramaticais, os códigos e estruturas narrativas de um texto (ampliando o conceito de textualidade, fazendo análise estrutural da imagem, análise da narrativa - seus personagens, ação e transformação -, e análise pragmática) e reconstruindo a estratégia de comunicação utilizada. A **sociologia da comunicação** permite distinguir os quadros dos valores operativos no sujeito, individualizar as comunidades interpretativas reconstruindo seu pertencimento cultural e orientar sobre as formas de pensar as práticas de consumo e a significação da ME na formação destas práticas. A grande contribuição dos **estudos culturais** é o destaque ao contexto político e econômico de um texto individualizando e desmascarando sua inscrição ideológica e seu funcionamento comunicativo na negociação de significados no processo de recepção. Assim, os estudos culturais consideram as contribuições da semiótica e da sociologia da comunicação, relacionando a codificação e decodificação de mensagens com a lógica produtiva e sua inscrição ideológica. (Rivoltella, 2002:114)

Na **relação da ME e as ciências da educação**, as **perspectivas pedagógicas e didáticas** que teorizam sobre a prioridade do fazer e a relação entre linguagem, técnicas de comunicação e educação são muito importante para o trabalho do Mídia-Educador (MEr). Rivoltella considera referências obrigatórias neste propósito a Pedagogia do Oprimido de **Paulo Freire** e a Escola-Laboratório de **Celestin Freinet**.

Segundo o autor, a comunicação está no centro de muitas idéias de educação em

alguns pressupostos da pedagogia freireana: no estilo e presença do educador cujo pensamento está em comunicação com a realidade; como espaço em que acontece o diálogo educativo; como materiais (fotografia, filmes, cartazes, etc.) através dos quais acontece a intervenção educativa que propicia a reflexão sobre a codificação-decodificação, análoga à semiótica e aos estudos culturais; e como instrumento de libertação do sujeito na medida em que as técnicas de comunicação da leitura e escrita propiciam um novo acesso ao mundo.

Por sua vez, na pedagogia freinetiana e no movimento do ativismo pedagógico em que se inserem, as técnicas de comunicação são ainda mais explícitas, pois seu pensamento central reside na relação existente entre a vida e a escola e na centralidade que as técnicas didáticas assumem no interior desta relação. A consciência da tensão entre vida e escola se traduz na necessidade de criar instrumentos novos de pesquisa e de estudo, como materiais tipográficos, livros especiais, rádio, discos, cinema, laboratórios, oficinas, etc. presentificando a relação com a ME. Repensar o ensino a partir das técnicas das mídias significa pensar a relação teoria e práxis sobre novas bases e abrir na escola um espaço para o jornal, avaliar as notícias, construir/desconstruir o texto e criticar as mensagens. Tais práticas que estão presentes nesta pedagogia são questões centrais para a ME.

Além destas contribuições, Rivoltella afirma que a recente evolução da didática também oferece um fundamento considerável a ME: a reflexão epistemológica sobre a natureza e a dimensão comunicativa da didática; a extensão do campo didático para além dos limites do ambiente escolar; o destaque ao papel das mídias e das tecnologias; e a atenção cada vez maior do campo didático à ME.

Assim, a relação entre as ciências da educação e os saberes da ME explicita-se através da pedagogia ativista de Freire e Freinet que permite à intervenção educativa desenvolver habilidades e competências que objetivam: adotar a comunicação com estilo e espaço de educação; utilizar as mídias como materiais e instrumentos de intervenção educativa; valorizar o fazer como oportunidade de aprendizagem; utilizar a desconstrução de mensagens como metodologia importante; e formar o pensamento crítico. Diante disso, a contribuição da didática implica em: reconceitualizar a ação didática nos termos da comunicação; interpretar os termos midiáticos no trabalho educativo; e assumir as mídias e as tecnologias na prática didática.

Além disso, Rivoltella inclui a contribuição do construtivismo, visto que o conhecimento e a consciência se produzem na atividade colaborativa de forma



contextualizada onde o sujeito é o protagonista.

Outra relação que faz parte do campo disciplinar da ME, é contribuição das disciplinas Tecnologia das instruções e Teoria das organizações e suas relações com as tecnologias didáticas e a cultura organizativa (escolar), que nos remete a pensar na identidade da ME num contexto sócio-cultural cambiante.

Enfim, nos campos interdisciplinares constituidores da ME, com as contribuições das ciências da comunicação, das ciências da educação e das disciplinas Tecnologia das instruções e Teorias das organizações, é possível perceber que é a relação educação, comunicação, tecnologias e culturas organizativas que configura o estatuto epistemológico e os fundamentos da ME e como consequência, seus métodos.

Para situar a **questão do método** da ME há que pensar sua relação com uma possível metodologia. Rivoltella (2005) considera o método, como um conjunto de processos que orientam a escolha de determinadas técnicas ou estratégias de ação, como um processo de primeiro nível relativo ao plano de agir didático. Enquanto a metodologia seria a atividade crítica exercitada sobre os métodos e sobre suas técnicas, como um processo de segundo nível relativo ao plano da consciência reflexiva.

Assim, se é possível usar o método sem ter uma metodologia, por outro lado, é difícil escolher métodos eficazes sem a existência de uma metodologia, pois a consciência sobre a ela ajuda o método. No entanto, sem possuir uma metodologia nem um método próprio, a ME experimenta instrumentos e técnicas mas não representam um método. Diante disso, como dotá-la de um método? E se a ME não se colocar a questão do método, como dotá-la de uma metodologia, pergunta Rivoltella.

Embora o instrumento interpretativo de análise e o método da ME vêm da comunicação, existem alguns instrumentos e técnicas muito utilizadas pela ME: **instrumentos de análise**: análise de conteúdo e análise da estrutura narrativa a partir da contribuição da semiótica (trabalho sobre cinema, ficção, personagem, estrutura narrativa, descrição da história); análise do consumo e da inscrição ideológica a partir da contribuição dos estudos culturais (trabalho sobre a interpretação e sobre as relações mídia e poder); e análise dos códigos e das estratégias comunicativas, a partir da contribuição da pragmática (trabalho sobre cinema, publicidade, gênero televisivo); e **técnicas**: de animação (jogos, narrações); de produção (vídeo, multimídia); e de simulação (trabalho redacional).

E para entender e situar os métodos utilizados pela ME, retomemos as concepções de ME e as especificidades dos diversos meios (cinema, televisão e

computador) sobre os quais a ME esta centrada situando as metodologias, os instrumentos e estratégias privilegiadas na pesquisa e na práxis educativa.

A **concepção inoculatória** em que a ME era vista como forma de defesa e proteção dos efeitos nocivos das mídias, em sua fase inicial não utilizava um método definido e sistematizado, mas podemos pensar que sua prática se aproximava do que mais tarde se configurou como análise de textos. A **concepção ideológica** que entra com força nos anos 60 afirmava-se com a descoberta do cinema pela ME, que o considerava um meio digno de atenção da escola, distinguindo o cinema de autores (intelectual, longe do gosto do público) do cinema comercial e utilizava o método da análise crítica possível graças ao movimento e aos estudos da semiótica. A **concepção de leitura crítica** difundida nos anos 70 no fluxo das pesquisas da semiótica, utilizou o instrumento de análise narrativa, simbólica, dos códigos, de programação, de gênero configurando um dos principais métodos usados pela ME. A **concepção das ciências sociais** nos anos 80 amplia a reflexão com estudos sociais, integra o texto ao contexto produtivo, seus valores e a ideologia centrando atenção no papel do leitor. Utilizando instrumentos e métodos das pesquisas de recepção dos estudos culturais, analisa os hábitos de consumo e suas modalidades de interpretação para reconstruir a cultura de pertencimento.

Assim, os métodos utilizados no percurso histórico da ME, basicamente dizem respeito a duas épocas: inicialmente com a análise do texto e nos anos 80 com a análise do consumo, ou pesquisa de recepção. Ultimamente os métodos etnográficos estão mais presentes nas pesquisas sobre ME e inserindo-se numa metodologia com observação participante e entrevistas, são marcados pela subjetividade do pesquisador e pela conseqüente parcialidade dos resultados que não podem ser generalizados. Além disso, tem os métodos de gestão dos processos formativos sustentados pelas tecnologias da instrução (para gerar processos de construção de objetos hipermídias e organizar redes telemáticas para cooperação e co-projeção *on line*) e os métodos de projeção do processo formativo e de gestão da pesquisa no campo educativo.

### **Contextos e Objetivos da ME**

Tendo situado a ME, é importante discutir as concepções que têm norteado seu fazer e sua reflexão. Para pensar a respeito, Rivoltella situa três contextos em que a ME tem se manifestado, entendendo o contexto como “espaço e perspectiva no interior das quais a ME vem sendo pensada”(1997:14) ou como “um cenário operativo e teórico

coordenado no interior dos quais objeto, objetivos e métodos da ME vêm sendo conceitualizados” (2002:51):

**-Contexto metodológico ou tecnológico:** a ME é pensada no sentido de fazer *educação com as mídias*, e se configura a partir de uma visão instrumentalista das mídias no âmbito da metodologia didática. A ME nesta perspectiva é considerada um recurso para a educação reinventar a didática ensinando com outros meios, visando superar o esquema tradicional e substituir o suporte do livro texto através do uso do cinema, de programas televisivos, etc. Neste contexto, as mídias funcionam como recurso numa pedagogia instrumental que considera o ensino-aprendizagem através de uma perspectiva construtivista que permite produzir consciência colaborativa no trabalho coletivo, tendo como pano de fundo, um enfoque psico-social que reflete sobre a relação entre as mídias e os fenômenos sociais.

**-Contexto crítico:** a ME atua no sentido de fazer *educação sobre as mídias* ou *educação para as mídias*, envolvendo diversas instâncias educativas. Fazer ME nesta perspectiva significa a capacidade de transmitir mensagens a um público influenciando-o no seu modo de agir e pensar. As mídias funcionam como suporte e objeto de estudo em que saber compreender, interpretar e avaliar os conteúdos das diversas mídias são ingredientes essenciais da ME. Tal perspectiva insere-se numa pedagogia moral e numa concepção “inoculatória”, que através da leitura crítica ideológica das ciências sociais, pretende defender os usuários, cultivar o gosto e conscientizar os sujeitos.

**-Contexto profissional ou produtivo:** a ME é entendida no sentido de fazer *educação através dos meios ou dentro das mídias* envolvendo também a área de formação profissional. Fazer ME nesta perspectiva significa utilizar as mídias como linguagem, como forma de expressão e produção, pois assim como não se aprende a ler sem aprender a escrever, não se faz ME só com leitura crítica e uso instrumental das mídias, sendo necessário aprender a “escrever” com as linguagens das mídias. Tal perspectiva insere-se numa pedagogia funcional com concepção alfabética e expressiva, objetivando a interação dos sujeitos com as mídias e promovendo o conhecimento criativo de suas linguagens.

A discussão de tais contextos remete para a questão dos objetivos da ME. Embora quando Masterman situa como os objetivos gerais da ME “articular os interesses públicos e estender valores democráticos nas mídias europeias” (1997:103) o faça referindo-se apenas ao contexto europeu, ele estabelece algumas estratégias e prioridades que podem ser ampliadas para outros contextos.

Devido às diversas experiências e os diferentes momentos da ME noutros contextos culturais, podemos nos perguntar em que medida tais estratégias podem significar um ponto de referência seguro para direcionar prioridades e propostas?

No entanto, aprender com a experiência de quem já trilhou alguns caminhos pode encurtar o percurso, redimensionar alguns momentos ou mesmo reavaliar as prioridades. O desafio está em fazer tal aprendizado sem perder de vista a especificidade das diferentes demandas presentes dos diversos contextos.

Assim, podemos pensar em redimensionar as estratégias que configuram objetivos que Masterman aponta e que podem ser sintetizados da seguinte forma: a defesa e a transformação dos sistemas públicos de informação (acesso livre e universal às informações, resultando na prioridade que a ME deve dar às questões de interesse público); a colaboração cada vez maior com os profissionais das mídias (relações entre educadores e profissionais empenhados com a produção, circulação, distribuição e legitimação de idéias, pois ambos são potenciais criadores e mediadores da consciência pública e da consciência social e ambos possuem um importante papel a desenvolver); construção de redes nacionais e internacionais de ME (necessidade e capacidade dos educadores se organizarem e participarem do debate público defendendo suas posições em diversos níveis: escolar, local, nacional e internacional); introdução de cursos de base de ME como direito de todos os estudantes (consolidação de propostas de inclusão da ME na educação); discussão sobre a necessidade de um novo paradigma para a ME que teria o ensino crítico das técnicas de marketing; e a necessidade da ME aparelhar-se para a atualidade tendo como compromisso, a transformação contínua.

### **Mídia-educador**

Diante de tais objetivos e estratégias, há que pensar no **perfil profissional** do MEr para situar os horizontes de seu trabalho e suas competências a serem desenvolvidas. Este perfil deve estar de acordo com as identidades plurais da ME que vão configurando suas **características estruturais** a partir da: transversalidade porque se vale da contribuição multidisciplinar dos saberes das ciências da educação e da comunicação constituindo como um *objeto-fronteira*, e disciplina de interface; da amplitude da atuação porque não se limita à educação escolar atuando em diversas instâncias formativas extra-escolares, instituições ou associações sem fins lucrativos e instituições comerciais; da flexibilidade porque supera a dicotomia educar “para” ou “com” as mídias; e integração de saberes, porque envolve contribuições metodológicas

de áreas diferentes, conforme as necessidades da sua identidade plural, que é instrumental e temática, teórica e operativa.

Considerando que a necessidade social de formação e de intervenção educativa é inegável, a formação deste profissional pode ser pensada a partir de diversos níveis: cursos de capacitação para educadores tendo como objeto as mídias e as novas tecnologias; cursos de graduação e de pós-graduação nas áreas de comunicação e educação; acompanhamento de experiências de movimento e animação cultural e do tipo curricular sobre aspectos da comunicação de massa, entre outras. E isso exige um plano político e organizativo e envolvendo a universidade, a escola e o mundo da formação.

Em relação à universidade, a aceitação da ME depende de sua capacidade de adotar uma visão transversal e integrada de saberes e de disciplinas, implicando abandonar a perspectiva tradicional de disciplinas puras cultivando uma reciprocidade de métodos e quadros conceituais. Neste sentido, a inclusão da ME na formação universitária em cursos de graduação e pós-graduação ou em cursos à distância implica aceitar a necessidade de uma mudança cultural e de repensar o significado do ensino-aprendizagem. Além disso, no momento em que se institui cursos de graduação ou de pós-graduação, a clareza sobre o perfil profissional será uma condição para seu reconhecimento profissional.

Em relação à escola, a ME oscila no confronto das mídias e tecnologias: os que acreditam nas mídias como porta voz de uma subcultura de entretenimento contrária à lógica própria de ambientes formativos; e os entusiastas das mídias e tecnologias que sustentam a necessidade de transformar o modo de aprendizagem na escola.

Neste “cenário operativo”, a busca de soluções de alguns problemas da ME depende de uma consciência do momento cultural atual e de sua promoção nos diversos contextos projetando um modo diferente de fazer a sociedade, a escola, e a formação, onde as mídias possam ser consideradas uma questão relevante pelas interações, saberes e culturas que propicia e não só por seus efeitos negativos.

Neste sentido, é possível vislumbrar o desenvolvimento da ME em vários espaços de luta: no ministério da educação com a inclusão das mídias entre os saberes essenciais no currículo; na autonomia escolar que pode prever uma reorganização curricular introduzindo a ME na sua cota local ou com a abertura de um espaço didático transversal das mídias com núcleo temáticos que co-envolvem transversalmente os diversos saberes com suas especificidades e competências metodológicas; e ainda nos

espaços não institucionais ligadas às diversas práticas culturais. E tal fato remete mais uma vez para a discussão sobre o profissional que atuará nestes diferentes espaços.

Diante disso, quem é esse profissional MEr a ser formado? Qual seu perfil? É possível pensar numa identidade profissional com reconhecimento social? Rivoltella responde tais questões argumentando que, além de ser um professor com competências sobre as mídias ou um *expert* em mídias, a identidade profissional do MEr implica superar a dicotomia professor-*expert*.

Jacquinet, pesquisadora francesa que há muito vem trabalhando esse tema, propõe substituir a idéia do MEr para a do Educomunicador, dizendo que “o educador não é um professor especializado encarregado dos cursos de educação para as mídias, mas é um professor do século XXI, capaz de integrar as diversas mídias em suas práticas pedagógicas”(ap Rivoltella, 2002:148). Nessa perspectiva, cada professor deve possuir além de seus saberes e suas competências profissionais próprias da sua disciplina, também aqueles relativas às mídias que deverão ser incorporados ao seu fazer educação. Disso resulta que a ME deva ser um patrimônio de cada professor.

Tal idéia inspirou a de visão de Soares, que entende o educador como um especialista com “intenção educativa no uso dos processos, recurso e tecnologia da informação, com base em uma perspectiva de gerenciamento participativo e democrático da comunicação”(2002:265) e isso incluiria não apenas o desenvolvimento e uso da tecnologia para otimizar práticas educativas, mas a capacidade de lidar com ela e a preparação de uma recepção organizada, ativa e crítica das mensagens dos meios.

À essa idéia de educador como um novo profissional especialista, formado no campo da comunicação para atuar no espaço escolar, ou seja, no campo da educação, Belloni contrapõe com uma idéia de “formação integradora que prepare educadores e comunicadores para suas novas funções, derivadas da convergência tecnológica dos dois campos”(2002:40). Segundo ela, para alguns pesquisadores conceituados, o “educador” proposto por Soares não seria mais do que um professor capaz de utilizar as novas tecnologias em seu trabalho cotidiano.

Assim, na perspectiva transversal da ME, poder-se-ia dizer que o perfil seria o do educador proposto por Jacquinet, mas na perspectiva da ME como disciplina escolar específica ou na coordenação de uma equipe multidisciplinar transversal, o perfil seria o do MEr.

Se “não existe uma, mas muitas ME” (Rivoltella,2002:138), acrescento dizendo que não existe um perfil do MEr, mas muitos perfis da figura do MEr. Pois, sendo o

campo de definição da ME complexo com uma identidade plural, isso evidencia diversos perfis do MEr com identidades profissionais também plurais: professor especialista, *expert* em mídia, professor transdisciplinar, educador, formador, Educomunicador, MEr, ...

Além desses perfis e da caracterização do educador - já que este será o futuro perfil de todos professores -, Rivoltella (2005) aponta uma nova possibilidade para o MEr: a da educação e pesquisa.

Se na dimensão da ME como prática social, o foco na educação ativa, política e militante pode implicar riscos da prioridade ao fazer, sem a devida reflexão, por outro lado, o risco também existe quando se fica só na pesquisa, na reflexão científica e na experimentação sem a prática social mais ampla. Assim, o **perfil do MEr seria é o do educador-pesquisador**, que faz de sua atividade de pesquisa uma ação e opção de intervenção e desta, uma oportunidade de reflexão. Nessa perspectiva, o MEr recupera a dimensão da pesquisa do professor, já que a reflexão é uma dimensão inalienável da prática. E para que tal profissional possa existir, é fundamental transformar a formação dos professores e revolucionar as agências formadoras, subvertendo os campos intelectuais e construindo novos conhecimentos de acordo com tais desafios.

Enfim, revelando um constante movimento entre produção e reflexão a ME vai se compondo conforme suas diferentes identidades em suas diversas dimensões. A imagem do caleidoscópio pode representar um pouco das faces da ME, que vai criando formas e refletindo suas luzes, brilhos e cores conforme o movimento feito, como prática social e disciplina, como discurso e intervenção, como ação e reflexão, criação e experimentação e muitas outras possibilidades a serem construídas ...

### **Bibliografia**

BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. Campinas, Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. “Mídia-educação ou comunicação educacional? Campo novo de teoria e de prática” In *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

GIRARDELLO, G. “Aqui e lá: crianças do fim-do-mundo e o mundo pela TV” in CORSEIL, A. e CAUGHIE, J (orgs). *Palco, tela e página*. Florianópolis, Insular, 2000.

MASTERMANN, L. *A scuola di media: educazione, media e democrazia nell'Europa*

- degli anni 90* a cura di Pier Cesare Rivoltella. La Scuola, Brescia, 1997.
- RIVOLTELLA, P.C. “Mass Media, Educazione e Formazione” in MASTERMAN, L. *A scuola di media* a cura di Pier Cesare Rivoltella. La Scuola, Brescia, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Media Education: modelli, esperienze, profilo disciplinare*. Carocci Editore, Roma, 2002.
- \_\_\_\_\_ “La Media Education: definizione, caratteri, prospettive internazionali” in *Media Education: cultura e professione per la formazione multi-mediale* (mimeo) Unicat, Milão, 2005.
- SOARES, I. “Comunicação e educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. *Contato* n.2, Brasília, 1999.
- \_\_\_\_\_ “Contra a violência: experiências sensoriais envolvendo luz e visão” in *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo, Cortez, Brasília, Unesco, 2002.